

Millenium arquivos...

Esta Secção constitui um espaço de publicação para trabalhos produzidos ao longo dos anos por docentes e investigadores da instituição (e de fora dela), e que, por uma razão ou outra, nunca foram dados a conhecer. Com os documentos que publicaremos, muitos leitores de MILLENIUM, principalmente os mais jovens, terão a oportunidade de entrar em contacto com preocupações e perspectivas metodológicas de pesquisa distintas que sempre constituem factor de enriquecimento.

JANE JOHNSON E O DISCURSO FEMININO PARA CRIANÇAS EM INGLATERRA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVIII *

MARIA ESTER VARGAS**

Quando Jane Johnson, nascida em Inglaterra em 1706 e falecida em 1759, organizou um conjunto de materiais diversificados para os seus quatro filhos, não podia imaginar que muitos anos mais tarde o seu trabalho viria a ser procurado e analisado por investigadores dispersos pelo mundo. Jane Johnson nunca foi escritora, no sentido que vulgarmente se aplica a este termo, tendo sido desconhecida até há pouco tempo atrás.

Com efeito, os seus dados biográficos continuam envoltos em algum mistério, embora se saiba que era filha do Esquire de Warwick, e que casou com o Reverendo Woolsey Johnson em 1737. Só em 1986 é que a sua obra foi detectada na colecção particular de livros para a infância de Elizabeth Ball, residente em Muncie, Indiana, nos Estados Unidos da América. Hoje, é pertença da Universidade de Indiana.

O espólio inclui, entre muitas coisas, algumas cartas escritas por Jane a pessoas amigas e à sua primogénita, Bárbara. Pela análise dessas missivas, é possível delinear o perfil desta autora. De imediato, o nosso pensamento evoca a personagem Emma Woodhouse, de Jane Austen: alguém que foi educada em casa, com formação em

* Trabalho apresentado nas *I Jornadas de Estudos Ingleses*, realizadas em Viseu em 1999.

** Equiparada a Assistente do 2º Triénio da Escola Superior de Educação de Viseu.

música, leitura, boas maneiras, costura, que era perita em entreter os convidados e visitas da casa.

A própria Bárbara deixou igualmente alguns escritos, nos quais refere que em casa era normal haver muitos livros, que se escreviam e recebiam cartas, que as crianças brincavam com jogos de alfabeto, e referia ainda que ela e os irmãos tinham conjuntos de cartões ilustrados e livros feitos à mão pela mãe. Descreve ainda que faziam recortes, pintavam, cantavam, contavam histórias e elaboravam registos das suas vivências.

Os materiais descobertos na década de 80 confirmam todas as informações de Bárbara e demonstram que os mesmos eram totalmente *self* e *homemade*, uma vez que eram construídos a partir de recortes de jornais e folhetos, colados com cola artesanal feita de farinha e água. Pela selecção e organização efectuada, é possível detectar quais os padrões de literacia e os valores vigentes na época, podendo concluir-se que, pelo menos no que se refere aos valores, eles não eram propriamente inovadores, pois de certo modo eram os mesmos que há muitos anos se vinham fazendo sentir.

Incluídos na colecção encontram-se dez séries de cartões com o alfabeto, dois livros manuscritos, seis conjuntos de cartões de carácter religioso e seis conjuntos de cartões com comentários de ordem social. Para além destes materiais, existem cartões com palavras e pequenas poesias, organizadas por sílabas, partes de discurso e categorias, relativas a aspectos do quotidiano da vivência das crianças, como por exemplo mobiliário, comida ou animais domésticos:

basket	ale	cat
chair	almonds	dog
fork	bacon	duck
knife	bread	horse
spoon		

Um dos dois livros manuscritos e encadernados manualmente por Jane é dedicado a um dos seus filhos, como se pode ler logo no princípio:

George William Johnson his book. Printed and bound by his Mamma 1745.

Este livro contém 36 folhas numeradas. As listas de palavras são escritas a preto, contrastando com os textos, escritos a vermelho, quase todos de carácter religioso:

*Whoso feareth the Lord it shall go well with him;
he shall find favour with God and men.*

As listas de palavras que se contrapõem a cada texto estão organizadas segundo categorias, número de sílabas, por vezes de acordo com as linhas do texto e sem qualquer pontuação entre elas, o que nos leva a pensar que as mesmas constituíam como que o mote para todo um trabalho de criatividade por parte das crianças.

No livro são patentes também alguns recortes de gravuras, que muitas vezes surgem em oposição. Temos, por exemplo, uma senhora elegante da cidade face a uma camponesa rodeada de carneiros. Outras vezes, são apenas objectos isolados, como uma flor vermelha ou um peixe amarelo.

Quanto aos temas, prevalece o da riqueza:

*Health is better than Riches, but to be good is better than both.
In the first place, take care to be good; and in the next take care to be Rich.*

*Never part with one half-penny without a very good reason.
A Fool and his Money are soon parted.
He that will not take care of two pence, will never be worth a groat.*

O livro remata com a seguinte mensagem:

<i>My son, so long</i>	<i>would they</i>
<i>as you live,</i>	<i>should do</i>
<i>never forget</i>	<i>Unto you.</i>
<i>the following</i>	<i>Remember</i>
<i>Rule,</i>	<i>this when I</i>
<i>Always do</i>	<i>am dead and</i>
<i>Unto every</i>	<i>gone.</i>
<i>One, as you</i>	

Este tipo de discurso remete-nos de imediato para os livros de cortesia escritos em Latim, Francês, Inglês e também em Português durante os séculos XIV, XV e XVI, muitos dos quais adoptavam a poesia por facilitar a memorização.

Permitimo-nos comparar este final com o de um livro deste tipo intitulado *Stans Puer ad mensam* (Table Manners for Children), na versão de John Lydgate, publicada por William Caxton, em 1476, verificando que os princípios que fundamentam ambos os textos são comuns:

How to live a good Life

Arise early	And get up temperately
Serve God devoutly	And go to supper soberly
The world busily	And to your bed merrily
Go your way steadfastly	And be there cheerfully
answer politely	And sleep securely.
Sit down to eat hungrily	

Poderemos ainda dizer que estes livros de cortesia eram fortemente influenciados pelo Antigo Testamento, sobretudo pelos livros dos Provérbios, Eclesiastes e Eclesiástico, este último com normas relativas ao comportamento em festas. Tendo em conta que para além da formação religiosa a que tinha sido sujeita, Jane Johnson era casada com um presbítero, poder-nos-emos aperceber da influência da Bíblia nos materiais que organizou para a educação dos seus filhos, embora seja digno de realce o facto de nunca ter feito citações directas do texto bíblico, preferindo utilizar princípios nela descritos relativamente ao bom e mau comportamento, apoiados por ditados e máximas populares.

Curiosamente, um manuscrito de Charles Dickens dedicado aos seus filhos em 1849, logo numa fase bastante posterior, intitulado *The Life of Our Lord*, refere na sua conclusão os mesmos princípios de forte influência bíblica e que remetem para uma convergência de abordagem da educação das crianças nos três textos apresentados, pertencentes a épocas perfeitamente distintas. Assim, afirma Dickens:

REMEMBER - It is christianity TO DO GOOD always - even to those who do evil to us. It is christianity to love our neighbour as ourself, and to do to all men as we would have them Do to us. It is christianity to be gentle, merciful and forgiving, and to keep those qualities quiet in our hearts, and never make a boast of them, or of our prayers or of our love of God, but always to shew that we love Him by humble trying to do right in everything. If we do this, (. . .), we may confidently hope that God will

forgive us our sins and mistakes and enable us to live and die in peace.

Relativamente aos livros comerciais para crianças existentes no tempo de Jane Johnson, pode concluir-se que a obra desta mãe/pedagoga/escritora é mais inovadora em termos de abordagem, ou melhor, em termos da exploração que o material possibilita, do que propriamente em termos de conteúdo. No que se refere a este último aspecto, havia sintonia, dado que quer na sua obra quer na literatura oficial da época aparecia o alfabeto em várias formas de representação (maiúsculas e minúsculas em associação com palavras isoladas ou início de frases ou ainda em combinação de consoante com vogal, criando sílabas organizadas alfabeticamente.

Apesar destas semelhanças, há alguns aspectos nos materiais elaborados por Johnson que só mais tarde seriam introduzidos nos livros comerciais, sendo de salientar:

1 - observação do quotidiano, revelando empatia com animais, com pessoas, profissões, com profusão de pormenores relativos às cores e a moda e sempre associando texto com imagem:

*Give some bread to my children I beg and I pray
Or they will be starved having had none today.*

Este texto é acompanhado por duas gravuras: a primeira, de uma mulher bem vestida, de ar arrogante; a segunda, de uma mulher pobre com duas crianças, dirigindo-se a mulher de classe social superior.

2 - papel da mulher na sociedade - a mulher é normalmente apresentada como sendo o travão das forças do mal, sendo no entanto passiva face as tarefas que lhe são destinadas e que aliás cumpre diligentemente.

Muitas frases chamam a atenção para a mulher enquanto indivíduo e para os seus diversos tipos de trabalho, normalmente árduo, sempre direccionado para o bem:

*At a house by a Gate,
Did live without state
A little old woman
and man.
They did work for*

*Their bread, and were
very well fed, and the
old woman's name, it was
Nan.*

3 - crítica social - os homens são um alvo fácil destes materiais, muitas vezes apresentados a caçar ou com um ar perfeitamente alterado pela bebida:

*It is wicked to get
drunk, to swear, lye or
steal.
And those that do such
things will Hell' s
Torments feel.*

Mas não são só os homens que são alvo da crítica de Jane Johnson. Os Franceses, em especial as mulheres francesas, também são satirizadas em alguns textos:

*Such short Gowns and these, are much used in France,
And the Men and the Women cup capers and dance.
The Ladys they Paint, and their backsides they show,
The Men hop, and skip, and each one is a Beau.
Would you see men like monkeys: to France you must go.*

Em termos processuais, infere-se que Jane Johnson pretendia fazer um trabalho em termos de exploração da língua. Os seus textos são inúmeras vezes abertos, contendo algumas ambiguidades que pensamos serem propositadas, pois seriam o ponto de partida para conversas com as crianças, levando-os a desenvolver capacidades como a imaginação, a manifestação de opiniões e o sentido crítico.

Raramente os textos aparecem simplificados e, pelo contrário, muitos apresentam situações complexas, deixando em aberto possíveis caminhos alternativos. Alguns conjuntos de cartões podem ser utilizados como jogos, agregando várias áreas do saber: língua materna, matemática, geografia, botânica e ciências naturais,

Com estes materiais, faz-se um apelo a leitura numa fase ainda precoce, tendo em conta que as crianças de tenra idade se agrupam a volta da mãe nos seus tempos

livres, para no fundo fazer aquilo que actualmente se considera essencial, que é aprender brincando. Neste cenário, comparavam-se pontos de vista, partilhavam-se experiências, reunindo-as em torno de objectivos muito concretos, em que a literacia desempenha um papel fulcral, mas uma literacia aliada a prática do bem, ao tempo livre ocupado com actividades consideradas instrutivas, ao sentido de humor e, acima de tudo, aos valores morais.

Jane Johnson pretendia que o desenvolvimento de capacidades de leitura levasse á formação do carácter, à acuidade da capacidade de observação e à determinação na procura de soluções para eventuais problemas.

Meio século após a elaboração destes materiais, Jane Austem poria na boca da sua personagem Emma Woodhouse um comentário sobre as cartas que era habitual escreverem-se na época, comentário esse que poderá aplicar-se à *Nursery Library* criada por Jane Johnson:

*These letters were but the vehicle for gallantry
and trick. It was a child' s game, chosen to conceal
a deeper game.*

Jane Johnson é apenas um exemplo. Quantas Jane Johnson continuam incógnitas? Quantos *homemade* materiais se perderam na bruma dos tempos? Quantas crianças foram sujeitas a este tipo de ensino caseiro, que visava a instrução e o divertimento, que aliava as lenga-lengas às normas de conduta, que tornava o ensino menos frio e menos distante da criança? Qual o impacto deste tipo de ensino na sociedade que se seguiu?

Se atentarmos na nossa própria experiência, concluiremos que o lar e as vivências a ele associadas constituem o nosso primeiro universo, com toda a ideia de protecção, entretenimento e descoberta que elas implicam. Na sua obra *The Poetics of Space*, publicada em 1958, Gaston Bachelard refere a primazia da *casa* nas memórias dos adultos relativamente à sua infância. No seguimento desta ideia, afirmamos que, sem dúvida, o trabalho de Jane Johnson foi coroado de êxito, ainda que anónimo, e que ao fazer uma utilização pragmática do material disponível, o mesmo foi capaz de desenvolver capacidades imprescindíveis para a formação de cidadãos esclarecidos e intervenientes numa sociedade em constante mutação.

Hoje fala-se de afectividade, de empatia, de desenvolvimento de capacidades de olhar o mundo com um espírito crítico, da necessidade de incorporar o aspecto lúdico

na sala de aula. É referida cada vez mais a importância do envolvimento dos pais no processo educativo dos seus filhos. Hoje, numa época em que pais e filhos quase nem têm tempo para estarem juntos, para trocarem impressões, para se divertirem em conjunto.

Como Jane Johnson estava já consciente de todos estes aspectos, na primeira metade do séc. XVIII...

Afinal, nada de novo no horizonte, embora tudo seja diferente.